

DOCUMENTO HISTÓRICO

PLACAR



São Paulo
FESTA TAMBÉM
NO BRASILEIRO



Criciúma
A VITÓRIA NA
COPA DO BRASIL



N.º 1067 JANEIRO DE 1992
Cr\$ 4.700,00



Cruzeiro
SUPERCAMPEÃO DA
LIBERTADORES



Sergipe (SE)



Nacional (AM)



Goiás (GO)



Fortaleza (CE)



Operário (MS)



Flamengo (RJ)



Atlético (AC)



Internacional (RS)



Bahia (BA)



Criciúma (SC)



Dom Bosco (MT)



Campinense (PB)



CSA (AL)



São Paulo (SP)



Muniz Freire (ES)



Paraná Clube (PR)



Picos (PI)



Remo (PA)



América (RN)



Atlético (MG)



Sport (PE)



Taguatinga (DF)



Sampaio Corrêa (MA)

CAMPEÕES 91

TUDO SOBRE OS GRANDES
TÍTULOS DO ANO

GRÁTIS

POSTERS GIGANTES DO FLAMENGO E SÃO PAULO • SUPERPOSTERS DO INTERNACIONAL, ATLÉTICO-MG, SÃO PAULO, CAMPEÃO BRASILEIRO, E CRUZEIRO, CAMPEÃO DA SUPERCOPA • POSTERS DE TODOS OS CAMPEÕES



SÃO PAULO

PRONTO PARA MAIS UMA DÉCADA

Com o comandante Rai em campo e Telê Santana no banco, o time dos anos 80 mostrou que tem tudo para dominar a década de 90

CAMPEÃO PAULISTA



Rai (ao lado), Antônio Carlos e Elivelton (abaixo) curtiram a festa como torcedores. O São Paulo foi pura emoção



O apito final do juiz Ílton José da Costa, depois do empate em 0 x 0 contra o Corinthians, era a senha que o meia Rai precisava. Braços erguidos, ele abandonou a festa com a torcida e partiu decidido para abraçar Telê Santana. "Campeão, campeão!", gritava para o técnico.

Em pouco tempo, todos os jogadores são-paulinos envolveram o treinador em abraços, dedicando a conquista a ele. "Isso é melhor do que o próprio título", retribuía o técnico com os olhos lacrimejando.

O abraço comovido dado pelo meia em Telê era a expressão exata da alegria tricolor.

Em função dos dois, a cidade se pintou de vermelho, preto e branco

desde as primeiras horas da manhã do domingo. Por todos os cantos, só se viam bandeiras são-paulinas.

Até a torcida corinthiana, acostumada a dominar o Morumbi com seus gritos de guerra, se viu esmagada diante de uma surpreendente maioria tricolor.

Também dentro de campo os alvinegros reconheciam a superioridade dos adversários. "Os méritos do título são do São Paulo", afirmava o lateral-direito Giba após a derrota. E não era preciso ir longe para perceber as vantagens do time dirigido por Telê. A ofensividade defendida pelo técnico criou o melhor ataque e a maior média de gols do campeonato desde o Santos de Pelé. Foram 66 gols em



Müller marcou oito gols e formou uma dupla com Macedo que aterrorizou as defesas inimigas

34 jogos, ou 1,94 por partida, média inferior nos últimos 22 anos somente aos 2,19 conseguidos pela equipe santista em 1969. E quem pensa que o tricolor alcançou êxito apenas por jogar no Grupo B, contra times mais fracos, está equivocado.

O São Paulo só disputou esse grupo por não superar os mesmos adversários de 1991 na repescagem

de 1990. E a média de gols do time de Telê na Segunda Fase, quando teve o Palmeiras como adversário, foi ainda melhor do que no resto do campeonato: 2,16 por partida. Por isso, a torcida não se continha depois da conquista contra o Corinthians. "Esse é o time que veio da Segunda Divisão", desabafava o presidente da TUSP (Torcida Uniformizada do São

Paulo), Hélio Silva.

Azar dos adversários por terem menosprezado os são-paulinos. "Disseram que estávamos na Segunda e isso ajudou a unir o grupo como nunca", afirmava o zagueiro-central Antônio Carlos. A união era percebida desde os churrascos feitos pelo elenco até as horas de rezar, momentos antes dos jogos. Uma cerimônia que



Discreto e eficiente, Zetti jogou todas as partidas e foi uma segurança para a defesa são-paulina



Cafu abandonou o meio-campo graças a Telê. Hoje é um lateral maduro

exigia um ritual: antes de cada partida, eram colocadas rosas vermelhas diante de uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, no vestiário. E as flores tinham hora marcada para chegar. Nas duas finais contra o Corinthians o horário foi pontualmente às 14h10. Essa, no entanto, não era a única superstição do elenco. Na decisão, o ônibus que conduziu a delegação foi o mesmo da viagem a Bragança, na final do Brasileiro. E a placa se repetia: HY-2573, de Campinas. Isso sem falar na camisa vermelha do técnico Telê Santana, usada em todas as partidas da reta de chegada do Paulistão.

A bem da verdade, porém, o tricolor não precisava disso. Afinal, contou com o melhor elenco do futebol de São Paulo. E, para desequilibrar, tinha Raí, um jogador que explodiu em 1991, voltou à Seleção Brasileira e se tornou

artilheiro do campeonato com vinte gols. Um craque apontado por Telê Santana como o melhor do Brasil e que garantiu o título marcando três vezes nos 3 x 0 do primeiro jogo contra o Corinthians. Por isso ele não escondia sua felicidade. Nos vestiários, depois da conquista, Raí derramava de champanhe a Coca-Cola sobre quem passasse perto da festa são-paulina. "Foi uma conquista com um gosto especial", reconhecia. "Vencemos nosso maior rival e completei um ano sensacional", afirmava com um largo sorriso no rosto.

Uma temporada que se mede nos seus índices de avaliação física. Do início de 1991 até aqui, sua potência muscular pulou de 6,68 para 11,09 watts por quilo — a média dos outros atletas é 7,13. Em conseqüência, melhoraram sua velocidade e impulsão. Essa sua evolução serve para mostrar que o São Paulo não é campeão apenas dentro de campo. "Planejamos cada detalhe do crescimento do elenco", conta o fisiologista Turíbio Leite de Barros. "Por isso a explosão aconteceu na fase decisiva."

Um planejamento que só esteve perto de falhar com o volante Sídney. Durante a semana que antecedeu a final, ele sentiu dores musculares e foi poupado de alguns treinos. Mas, depois do empate em 0 x 0 com o Corinthians, o jogador mostrava toda a sua ale-



RICARDO CORRÊA

A comemoração, com o mesmo espírito da equipe dentro de campo: alegria



NELSON COELHO

Símbolo do clube, "São Paulo" abraça Telê, assim como o clube já fizera antes

gria. "Ser campeão é a melhor coisa do mundo", dizia, eufórico. No Morumbi, ganhar é um hábito que parece longe de acabar. Principalmente levando-se em conta a organização do clube, incomparavelmente superior à dos rivais. Ou que outra equipe seria capaz de se recuperar das perdas de Ricardo Rocha e Leonardo e ser campeã paulista no mesmo ano? Assim, o diretor de futebol Fernando Casal de Rey não tinha medo de falar sobre o futuro. "A casa está pronta e só falta colocar alguns móveis", comparava. "Quando isso ocorrer, o time estará pronto para ser, como nos anos 80, o campeão da década de 90."



Raí chuta para marcar o primeiro contra o Corinthians. Um jogo que mudou uma verdade até então incontestável

O ARTILHEIRO

AGORA O IRMÃO É O DOUTOR

RAÍ não é mais o irmão de Sócrates. Sócrates é que é o irmão de Raí. O Campeonato Paulista fez a frase — que parecia um pecado mortal — se tornar lugar-comum nas bocas são-paulinas. De seus pés saíram vinte dos 66 gols tricolores. E, com eles, Raí foi o artilheiro do Paulistão. Tudo graças a uma determinação que nasceu no início do ano. "Passei a ter mais ambição", lembra o craque. Por isso, se a história reservar sempre um lugar para Sócrates, para cada são-paulino hoje ele não passa do irmão de seu maior ídolo.

A CAMPANHA

21 VITÓRIAS. SEM PERDER O HÁBITO

FASE CLASSIFICATÓRIA

1.º TURNO

Olimpia 1 x São Paulo 1
Juventus 0 x São Paulo 4
Santo André 3 x São Paulo 3
São Paulo 1 x Rio Branco 0
São Paulo 5 x Marília 2
São Paulo 0 x São Paulo 0
São José 2 x São Paulo 3
São Paulo 3 x Noroeste 1
São Paulo 1 x União São João 0
Ponte Preta 0 x São Paulo 0
São Paulo 2 x São Bento 1
São Paulo 1 x Catanduvense 0
Internacional 0 x São Paulo 1

2.º TURNO

São Paulo 0 x Santo André 0
Catanduvense 0 x São Paulo 5
São Paulo 2 x Juventus 0
Rio Branco 0 x São Paulo 1
São Paulo 2 x São Paulo 1
Marília 2 x São Paulo 2
São Paulo 1 x Internacional 4
São Paulo 5 x São José 0
Noroeste 1 x São Paulo 1

São Bento 0 x São Paulo 0
São Paulo 3 x Ponte Preta 1
São Paulo 1 x Olimpia 0
União São João 1 x São Paulo 2

FASE SEMIFINAL

Palmeiras 2 x São Paulo 4
São Paulo 2 x Botafogo 1
Guarani 2 x São Paulo 2
Botafogo 1 x São Paulo 1
São Paulo 4 x Guarani 1
São Paulo 0 x Palmeiras 0

FINAIS

Corinthians 0 x São Paulo 3

15/dezembro/91

SÃO PAULO 0 X CORINTHIANS 0

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Ílton José da Costa; Renda: Cr\$ 371 373 000; Público: 106 142; Cartão amarelo: Guinei, Raí, Suélio e Marcelo
SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Nelsinho; Sidnei, Suélio e Raí; Macedo, Müller e Elivólton. Técnico: Telê Santana
CORINTHIANS: Ronaldo, Giba, Marcelo, Guinei e Jacenir; Jairo, Ezequiel (Carlinhos) e Wilson Mano; Marcelinho, Tupázinho e Paulo Sérgio. Técnico: Cilinho



SÃO PAULO

DOIS É BOM, TRÊS É DEMAIS!

O tricolor teve três chances seguidas para levantar seu terceiro título nacional. Na última, não deixou que ele escapasse

O primeiro sinal de que, desta vez, o São Paulo entrava no Campeonato Brasileiro disposto a tudo para não morrer na praia partiu do próprio Morumbi, e soava como uma ameaça aos demais concorrentes. "Vamos chegar novamente. E vai ser para levar", avisava o goleiro Zetti, antes mesmo do início do campeonato.

Quando os adversários perceberam que nem ele nem seus companheiros estavam brincando, já era tarde. O São Paulo, que havia disputado as finais de 1989, contra o Vasco, e 1990, contra o Corinthians, chegava pela terceira vez seguida — um recorde na história do campeonato — à decisão do Brasileiro, agora contra o Bragantino. "Nosso grande trunfo é justamente esse: chegar às finais todos os anos", valorizava o feito o volante Bernardo, hoje no Bayern de Munique. Uma maneira inteligente de transformar em virtudes as derrotas nos anos anteriores.

Ao contrário das outras vezes, porém, o tricolor não deixaria escapar esta terceira chance. Com Zé Teodoro e Ricardo Rocha reintegrados à equipe, mais Antônio Carlos mostrando um futebol amadurecido e Müller de volta ao futebol brasileiro, chegar à final foi até mais fácil que em 1989 e 1990. Em parte, também, graças às jogadas arquitetadas pelo técnico Telê Santana e executadas com perfeição pelo lateral Leonardo. Nem mesmo o início cãpanga da campanha, com derrotas seguidas para Flamengo e Santos, abateu os tricolores. Todos sabiam que, no fim, o São Paulo chegaria lá outra vez.

À medida que a final se aproximava, esta certeza passou a tomar conta também dos desesperados inimigos. O ex-são-paulino Bobô, por



NELSON COELHO

Zé Teodoro, Antônio Carlos e a volta de uma rotina: a taça de campeão brasileiro



RICARDO CORRÊA

Pelos pés de Leonardo (à esq., contra Ivair) passavam as grandes jogadas do time

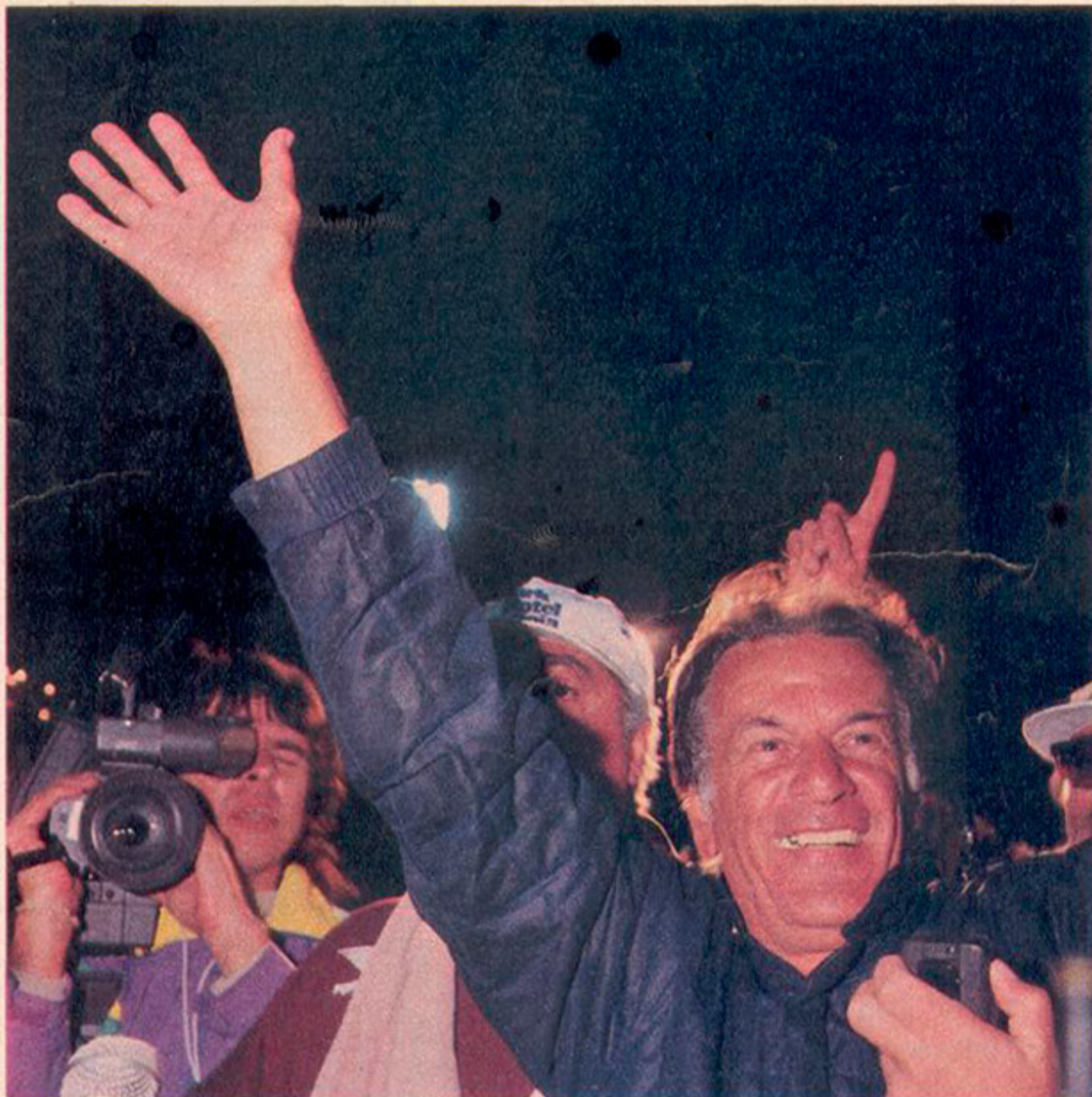


Mário Tilico liquida o Braga e antecipa...

exemplo, ao ver seu Fluminense eliminado da decisão pelo valente Bragantino, não teve dúvidas em apontar um favorito. "O Braga é uma equipe arrumadinha, certinha, que joga um futebol moderno", elogiava. "Mas ainda aposto tudo no São Paulo."

O futuro lhe daria razão. No primeiro jogo, no Morumbi, o herói da noite foi Mário Tilico (hoje no Cruzeiro), que entrou no lugar de Elivélton para marcar o gol do título. Depois, bastaria um empate na casa do adversário para levar a taça, já que o Bragantino não abriu mão do direito de decidir tudo em seu campo, o Marcelo Stéfani, em Bragança.

Isso fez com que apenas 12 492 pessoas pudessem assistir à decisão, o menor público até hoje em uma final de Campeonato Brasileiro. Só não foi o suficiente para tirar o 0 x 0 do marcador. A exemplo do que aconteceu na segunda partida contra o Atlético-MG, nas semifinais, era o que bastava ao São Paulo. Só que, agora, valia ainda mais: tinha o doce sabor de três títulos brasileiros.



Telê Santana deu a volta por cima: com o título nacional, adeus ao pé-frio



...a festa: bastou um empate em Bragança Paulista para o São Paulo colocar as faixas mais uma vez

O ARTILHEIRO

O CRAQUE QUE VIROU ARTILHEIRO

RAÍ já era há muito um dos jogadores mais festejados do elenco do São Paulo, mas ainda faltava o principal: os gols, que provocam a identificação imediata do atleta com os torcedores. Na campanha vitoriosa do São Paulo em 1991, nem isso faltou. "Decidi que neste ano passaria a fazer gols para me valorizar", conta o

artilheiro do campeão, que fez sete só no Brasileiro. A promessa foi cumprida com sobras, para azar de Santos, Atlético-PR, Náutico, Sport, Grêmio, Vitória e Cruzeiro, suas vítimas no campeonato. Não satisfeito, ele continuou marcando no Campeonato Paulista, onde também foi o artilheiro do tricolor.



A CAMPANHA

O CAMINHO PARA O TRI

FASE CLASSIFICATÓRIA

- Atlético-MG 0 x São Paulo 3
- Flamengo 1 x São Paulo 0
- São Paulo 1 x Santos 2
- São Paulo 1 x Fluminense 0
- São Paulo 2 x Atlético-PR 1
- Náutico 2 x São Paulo 1
- São Paulo 1 x Bahia 0
- Goiás 1 x São Paulo 1
- São Paulo 2 x Grêmio 0
- Bragantino 1 x São Paulo 2
- São Paulo 0 x Palmeiras 0
- Corinthians 1 x São Paulo 1
- São Paulo 1 x Portuguesa 0
- Vasco 2 x São Paulo 2
- São Paulo 2 x Sport 0
- Vitória 1 x São Paulo 2
- São Paulo 1 x Botafogo 0
- São Paulo 3 x Cruzeiro 1
- Inter-RS 1 x São Paulo 0

SEMIFINAIS

- Atlético-MG 1 x São Paulo 1
- São Paulo 0 x Atlético-MG 0

FINAIS

- São Paulo 1 x Bragantino 0
- 9/junho/91

BRAGANTINO 0 X SÃO PAULO 0

Local: Marcelo Stéfani (Bragança Paulista); **Juíz:** José Roberto Wright (SP); **Renda:** Cr\$ 64 650 000; **Público:** 12 492; **Cartão amarelo:** Zé Teodoro, Ricardo Rocha, Biro-Biro e João Santos

BRAGANTINO: Marcelo, Gil Baiano, Júnior, Nei e Biro-Biro; Mauro Silva, Ivair (Luís Müller), Alberto e João Santos (Franklin); Sílvio e Mazinho. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
SÃO PAULO: Zetti, Zé Teodoro, Antônio Carlos, Ricardo Rocha e Leonardo; Ronaldo, Bernardo, Cafu e Raí; Macedo e Müller (Flávio). **Técnico:** Telê Santana

EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ